

# CONAN



## O SANGUE DA SERPENTE

S. M. STIRLING

Ilustrado por Roberto De La Torre

Tradução de João Costa



ALTA BOOKS  
GRUPO EDITORIAL  
Rio de Janeiro, 2024

# SUMÁRIO

O SANGUE DA SERPENTE, *por S. M. Stirling* 1

Parte Um: Assassinos em Sukhmet 3

Parte Dois: Rebelião em Wedi Shebelli 75

Parte Três: Morte Além da Stygia 155

Parte Quatro: Xuchotl 241



Pregos Vermelhos, *por Robert E. Howard* 249



*Posfácio* 337

*Agradecimentos* 339

*Sobre o Autor* 341

# A ERA HIBORIANA DE



# CONAN (APROXIMADAMENTE 10.000 A.C.)



PARTE UM



# ASSASSINOS EM SUKHMET



— **OLHOS DE SET!** — ROSNOU O SOLDADO QUE ESTAVA NO LADO OPOSTO DA MESA MANCHADA da taverna quando os dados rolaram pelas tábuas lascadas e gastas até parar. Não era apenas uma maldição — ou, do ponto de vista stygio, uma oração presunçosa de um mercenário estrangeiro. Aqui, na Stygia, “olhos de cobra” era o lance vencedor.

*Aqui, no fundo incrustado de esterco da Stygia, onde todo o lixo é jogado, pensou Conan. Incluindo nós.*

— O dobro ou nada, Anjallo? — perguntou o cimério em voz alta, esvaziando a caneca.

Anjallo era um zíngaro, parte do núcleo dos Companheiros Livres de Zarallo. Como Conan, era um lutador experiente, menor, mas, tal como um chicote, forte e muito rápido, com um estreito semblante esverdeado de falcão. Uma velha cicatriz desenhava um perpétuo sorriso de escárnio em um canto de sua boca. Como muitos dos mercenários do norte aqui, ele teimosamente aderiu às calças largas, botas, camisa de linho de mangas largas e colete de couro sem mangas que a maioria dos homens comuns usava nas nações do norte.

Conan estava sem camisa e usava apenas calças de lona folgadas que iam até a altura dos joelhos, como as de um marinheiro. A pele naturalmente pálida do peito robusto, tenso e largo estava bronzeada na mesma cor castanha dos braços, pernas e rosto, exceto onde havia finas ou enrugadas cicatrizes brancas. O cabelo caía pelos ombros, em um corte reto e tão preto quanto o de qualquer stygio, preso na nuca por uma tira de seda preta. Os olhos sob as sobrancelhas eram de um azul vulcânico, e as feições, rudes e grosseiramente esculpidas, com mandíbulas bem barbeadas.

Não era um brutamontes como um urso. Era mais como um leão, grande e de força imensurável, mas mortalmente rápido. Descansando à vontade, mas os sentidos sempre atentos às ameaças, estava coberto de

suor, do tipo que normalmente se derrama na luta ou no trabalho duro em climas mais agradáveis.

Em Sukhmet, suave só de se sentar à sombra e não secava a menos que pegasse vento. Ficou tão desagradável que até se lavou... depois, teve alguns benditos momentos de frescor antes de ficar banhado em suor *de novo*.

Conan não tinha o senso de decoro zíngaro e, portanto, não usava mais do que o necessário no calor sufocante, mesmo que isso significasse que teria que continuar batendo nas moscas e mosquitos que zumbiam e tentavam usá-lo como taverna e barril de cerveja *deles*.

Entretanto, poucas ameaças se apresentaram na Taverna Garra e Presa. Com porretes ainda mais robustos de uma madeira local chamada pau-ferro, os robustos filhos do estalajadeiro afastavam os mendigos, e por um bom motivo. Os bandos de gatos suprimiam os ratos e se banquetavam com as enormes baratas voadoras e os sempre presentes cupins, deixando as cascas, asas e pernas em montes, nos cantos.

Os felinos eram bestas insolentes, de modo que, se qualquer um empurrasse um deles para o lado com o pé, arriscava ser estripado por uma multidão sedenta de sangue. Os gatos eram sagrados para os stygios, e, se um bichano de uma casa morresse, toda a família, desde os avós até as copeiras, raspava a cabeça em luto, mumificava o animal morto e o enterrava na tumba ancestral, como se fosse uma criança.

Eles também criavam pítons e, às vezes, najas. Felizmente, as grandes constritoras dos templos só apareciam à noite e não eram tão gigantescas quanto as das distantes cidades de Khemi ou Luxor. *Essas* poderiam ser grandes o suficiente para engolir um homem inteiro, e os stygios consideravam uma honra alimentar as emissárias do Grande Deus Set com sua própria carne.

*Embora prefiram quando o deus escolhe um estrangeiro*, pensou Conan com seu humor cáustico. Ele mesmo já havia se encontrado com elas, felizmente sem testemunhas quando blasfemamente se recusou a ser devorado.

*Nenhuma testemunha, exceto uma cobra morta.*

Conan apoiou as costas na áspera parede de tijolos de barro atrás de si e casualmente deixou a mão cair no punho da espada enquanto o zíngaro o encarava com a súbita onda de raiva que uma jogada ruim poderia trazer. O cimério sabia que não deveria relaxar em um jogo de dados, especialmente quando havia acabado de ganhar a rodada e estava jogando com homens que botavam o pão na mesa por meio de espadas, lanças e matança corpo a corpo.

Seis, o lance vencedor nas Terras do Norte, era o *demônio* aqui. O soldado foi sábio o suficiente para não invocar Mitra, nem mesmo para xingar. Os stygios até podiam contratar os semelhantes do zíngaro para trabalhos sujos em lugares imundos, mas não *gostavam* deles, um sentimento que era mais do que mútuo. Set era um demônio dos reinos mais ao norte, enquanto Mitra dos aquilonianos ou nemedianos era uma figura de ódio e terror mais ao sul.

— Maldito seja! — disse o outro mercenário finalmente, controlando-se e até dando um sorriso. — O dobro ou nada. — Então o sorriso torto se alargou. — Não posso nem culpar os dados, já que são meus.

Ele empurrou mais algumas moedas finas e danificadas para o centro das tábuas manchadas de cerveja e parou com o dedo ainda em uma delas.

Vozes exaltadas...

Depois, gritos e o choque de aço contra aço.

Conan e Anjallo giraram suavemente, chutando as bainhas das espadas para garantir que não ficassem emaranhadas em suas pernas, posicionando os punhos exatamente onde eram necessários.

Um jovem de cabelos castanhos, de quem Conan se lembrava vagamente como um lanceiro, estava enfrentando um colega dos Companheiros Livres, um lutador de espada e broquel de Zamora, um dos quatro que serviam nas fileiras dos Companheiros Livres. Ambos tinham lâminas nas mãos — o lanceiro, uma adaga no punho esquerdo, e o zamoriano, um pequeno escudo de couro e aço, preso pelo cabo único no meio.

— Meus dados são tão honestos quanto a palavra do Grande Deus Bel — disse o zamoriano, as palavras fortemente marcadas pelo sotaque.

— Bel, deus dos *ladrões*! — rosnou o lanceiro. Ele era Brocas, um coríntio, lembrou Conan. — Zamora é uma *terra* de ladrões. Ladrões nascidos de *prostitutas*.

Com isso, ele atacou, cuspidando mais insultos. Era rápido, mas um acidental passo em falso mostrou que estava entornando a cerveja de sorgo, principalmente considerando que o Sol ainda não havia se posto. Usando o escudo, o zamoriano desviou de um golpe, um agudo *bang* que soou sobre o crescente bate-boca. Os homens bradavam, perguntando o que estava acontecendo... ou, cada vez mais, apostando enquanto a primeira fileira empurrava a crescente multidão para dar espaço aos lutadores.

— Eu voltarei — disse o cimério a Anjallo. Ele se levantou e foi para frente, abrindo caminho adiante. Tendo vivido em Zamora por um ano memorável, e na capital, Shadizar, a Perversa, Conan considerou a opinião de que o julgamento de Brocas havia sido mais ou menos justo.

Mas não adiantava subestimar os zamorianos...



Ele observou a luta cautelosamente. Um pouco do vinho tinto já estava fluindo. Havia um corte na bochecha de Brocas que fazia o sangue escorrer pelo rosto e respingar conforme ele se arrastava e atacava, enquanto havia um corte raso no braço esquerdo do zamoriano. Isso tinha ido além de uma luta por puro tédio — o sangue derramado em primeira instância poderia ter satisfeito a honra, mas nenhum dos dois demonstrava algum sinal de que pararia. Ambos os homens estavam sérios.

Seus pés pisaram na terra batida do chão, e as lâminas se encontraram novamente. Alguns dos espectadores recuaram aos insultos, quando um movimento só não acertou o nariz de um homem porque ele se afastou.

Os olhos de Conan se estreitaram. O zamoriano não estava tão bêbado quanto Brocas e também não lutava para matar, mantendo um pouco mais do que a distância ideal, o que o deixava mais seguro... mas prolongava a luta. Também estava empurrando o coríntio em uma única direção.

*Em direção a outro zamoriano*, percebeu Conan. Ele conhecia os quatro de vista, se não pelo nome. O espectador zamoriano não gritava como os outros, nem se divertia. Estava tenso e agachado enquanto o coríntio era empurrado para trás por uma série de investidas pesadas e exibidas.

Havia um brilho de aço na mão do segundo zamoriano. Não era uma faca, mas uma navalha dobrável, perfeita para fazer a barba — o que quase todos os zamorianos faziam — e ideal para cortar o tendão de alguém logo acima do calcanhar, incapacitando-o para um golpe mortal. Ao espectador comum, pareceria que o espadachim menor e mais embriagado havia tropeçado e perdido.

Era uma tática padrão no distrito de Marreta em Shadizar, que havia sido testada no cimério mais de uma vez.

*Cara a cara é uma coisa*, pensou Conan. *Facada nas costas é outra.*

O primeiro zamoriano distraiu todos com um grito e um floreio de golpes altos, baixos e à média altura. O segundo zamoriano, ainda agachado, moveu a mão para a frente.

*Agora.*

A mão direita de Conan voou para baixo, agarrando o pulso do homem agachado. Com a mão esquerda, segurou a gola do colete de couro vazado dele. Levantando-o do chão, apertou e torceu fortemente com a direita. Ossos estalaram enquanto músculos semelhantes a cabos de aço se contorciam e retorciam nos braços desnudos do cimério.

O zamoriano que estava avançando parou abruptamente, movimentando-se com hesitação enquanto seus olhos esbugalhados estavam em choque diante do fim abrupto do stratagem.

Brocas estava em meio ao êxtase da luta, totalmente concentrado, e aproveitou-se instintiva e imediatamente. A ponta de sua espada reluziu, dividindo cirurgicamente a garganta do zamoriano, e ele a retirou com uma torção. Em espuma e bolhas, o sangue jorrou do ferimento e da boca e do nariz do zamoriano. Ele caiu como uma marionete com os fios cortados, e Brocas se virou ao sentir *alguma coisa* acontecendo atrás de si.

Ele se virou a tempo de ver a navalha voar direto da mão do segundo zamoriano, brilhando, girando no ar e fazendo os homens gritarem e se esquivarem. Um deles a recolheu do chão, fechou-a e a enfiou em um compartimento do cinto. Aço bom sempre valia alguma coisa, e o cabo era feito de pérola.

— *Fique quieto!* — gritou Conan, um berro do fundo de seu peito avantajado.

Fez-se algo como silêncio, o suficiente para que todos pudessem ouvir Brocas ofegando aceleradamente, em virtude do súbito esforço extremo de uma luta até a morte. Conan falou no silêncio.

— O combate justo é uma escolha do próprio homem se ele quiser lutar até a morte, mas atacar pelas costas de um camarada é outra coisa. Não servirei com um homem que faria isso. Nem qualquer homem dos Companheiros Livres de Zarallo. — Ele examinou a multidão. — O que vocês dizem, irmãos?

Houve um rugido de aprovação, cortado pelo grito de agonia do zamoriano quando Conan torceu e retorceu o braço do homem até separá-lo do ombro, quebrar o pulso e fraturar o úmero. O cimério o jogou no chão e o chutou nas costelas; não foi o único chute que o homem levou ao rastejar pelos fios de contas de ébano em cordões de sisal que cobriam a porta. Nem os gatos se aproximaram dele.

Ele não viveria muito, apostou Conan.

O ruído da taverna aumentou para os níveis anteriores, e Conan recebeu alguns tapinhas nas costas. Ninguém gostava da ideia de interferir em um duelo, especialmente uma facada nas costas, mesmo que, se tivesse virado uma briga generalizada, as coisas tivessem sido diferentes. Alguém que estava voltando para o quartel agarrou o zamoriano morto pelos calcanhares e o arrastou para fora. Dois amigos de Brocas entregaram as espadas, adagas e os cintos dos mortos a Conan e ao jovem coríntio, respectivamente, o prêmio habitual do vencedor. O cinto que Conan recebeu continha uma bolsa.

Brocas fez uma careta, então se sacudiu e respirou fundo.

— Você salvou minha vida da traição — disse para Conan, a voz taciturna devido à juventude e à bebida. — Estou em dívida com você.

Conan deu de ombros.

— Se você quiser — disse ele, então sorriu de forma desarmante —, pode salvar *minha* vida algum dia, irmão.

— Talvez eu salve. — Brocas sorriu e então gargalhou. — Depois que eu dormir. — Assentiu e se virou.

Conan desembainhou a espada do zamoriano morto. Era um aço de boa qualidade, assim como a adaga. A fivela de bronze dourado e os encaixes no cinturão da espada eram bem-feitos. Isso tornou a noite lucrativa, assim como rompeu o tédio do dever de guarnição. Ele voltou para a mesa onde estava jogando dados e arremessou os marfins novamente.

— Olhos de Set! — disse Conan, alegremente ecoando a reclamação anterior do outro homem. Anjallo xingou, mas pagou. Todos entre os Companheiros Livres de Zarallo sabiam que o cimério era um homem ruim de se lidar. Com a exibição pública, isso havia ficado claro.

— Será meu fim se eu jogar com você de novo esta noite — disse ele. — Sua sorte está aí, especialmente com as mulheres, eu aposto, se os dados lhe favorecem! — Anjallo se afastou sem esperar pela caneca que o vencedor tradicionalmente pagava para o perdedor.

Conan juntou dez moedas de cobre e uma pequena moeda de prata do tamanho da unha de seu dedo mínimo, colocando-as em uma bolsa, no cinto. Em seguida, verificou a bolsa do zamoriano morto, que continha quase a mesma coisa. Adicionando aquele saque ao seu próprio, pulxou cuidadosamente as cordas. A espada, a bainha, a adaga e o cinto... ele conseguiria pelo menos quatro moedas de prata por tudo isso.

O jogo durou toda a tarde e até o início do crepúsculo. Seus ganhos foram equivalentes a cerca de uma semana de salário de um lanceiro comum e metade do que ganhava no mesmo tempo como batedor na Companhia de Zarallo... nas ocasiões em que todos eram pagos integralmente. Acrescentando o que havia conseguido do zamoriano, havia acumulado o salário de quatro meses, o que, por sua vez, significava que tinha tanto dinheiro quanto teria se os dias de pagamento fossem tão regulares quanto um relógio argoseano.

Para comemorar, tomou um longo gole da cerveja bastante azeda, fraca e granulada da taverna. Mesmo a cerveja ruim era melhor do que a água dos poços rasos e sujos da cidade, além de ser mais segura também. O maior dos heróis ainda pode morrer de diarreia.

Conan da Ciméria viu muitas tavernas, estalagens, antros de jogos de azar e cervejarias desde que havia deixado sua terra natal ao norte havia mais de... Ele contou nos dedos, então olhou para os dedos dos pés des-

calços em suas sandálias, marcando os anos por memórias e eventos... Havia muitos deles.

*Mais de dez anos! Por Crom! Como as estações voam. As amigas e donzelas com quem me diverti devem estar criando suas famílias agora, e os homens, deixando as barbas crescerem. Aqueles que não foram mortos, quero dizer.*

As tavernas eram uma característica da civilização em que ele havia se tornado um homem — ou pelo menos um jovem guerreiro com seus primeiros bigodes felpudos que ajudou a saquear e queimar a cidade-fortaleza de Venarium. Os cimérios fabricavam sua própria cerveja ou a negociavam com um vizinho. Trocavam a comida que eles mesmos criavam, produziam ou caçavam. Dinheiro cunhado era uma coisa rara entre suas colinas e florestas. Aqueles que viajavam contavam com a hospitalidade, que era oferecida livremente — a menos que houvesse uma rixa de sangue.

*Ou se o saque foi pego à força, pensou. Melhor ainda então!* Ele estalou os lábios com a lembrança agradável dos barris de vinho e conhaque nas adegas e armazéns de Venarium, de quebrar a tampa de um barril com o cabo de sua espada e depois enfiar o rosto nele até as orelhas.

As coisas ficaram embaçadas depois disso.

*Poderiam ter matado todos nós, indefesos como bebês de colo enquanto dormíamos. Ainda bem que tínhamos matado primeiro todos os bastardos aquilonianos que não tinham clã.*

Essa taverna em um beco no posto stygio avançado de Sukhmet era melhor do que outras em que ele havia bebido. Ninguém estava tentando roubá-lo ou matá-lo agora, por exemplo, e o fedor da latrina externa no beco além da porta não era *muito* ruim. Dois dias atrás havia caído uma chuva forte para limpar as coisas. Se não tivesse passado um bom tempo do lado de fora dos muros no campo e no deserto, poderia não ter notado o fedor. A maioria não reparava, depois de passar algum tempo na cidade — apesar de que, vindo de fora, o fedor fosse óbvio a quilômetros de distância.

Conan sorriu. Na primeira vez que ele se aproximou de uma cidade grande, estava convencido de que todos lá haviam morrido de peste e que estava sentindo o cheiro dos corpos apodrecidos.

Em uma grande panela de ferro, o taberneiro mantinha fervendo sobre o fogão um ensopado mais ou menos à base de carne de porco em que jogava vegetais, restos, acompanhamentos e até alguns temperos que estavam à mão. Ele poderia conseguir uma tigela disso por dois

cobres, com um grosso pedaço de pão de milho e uma cebola jogada para mastigar.

Por uma moeda a mais, conseguiria uma fatia grande ou uma costela longa e carnuda da carcaça de porco que girava no espeto, ao lado do caldeirão. Na verdade, a comida era bastante saborosa e temperada com um bom molho forte de pimentas, embora o sabor diminuísse até ficar desagradável antes de terminar em um dia ou mais e outro animal ir para o espeto. A carne não se conservava bem neste clima.

Grandes tigelas rústicas de cerâmica ao redor das paredes continham frutas exóticas para ele, laranjas e mangas e coisas do gênero das fazendas dos colonos stygios que ficavam fora da muralha da cidade. Os clientes eram bem-vindos para provar, desde que continuassem comprando bebidas também.

A Taverna Garra e Presa também era *pior* do que alguns outros bares que ele frequentava. O vinho era tão terrível que até mesmo seu paladar nada exigente preferia a cerveja, que era a principal alternativa, embora fosse como beber um ralo mingau fermentado. O que não era surpreendente, na verdade; vinhas não cresciam aqui. Algum tipo de putrefação as atingia.

Sukhmet ficava muito ao sul do Styx, o grande rio cujo vale marcava a fronteira norte do vasto Império Stygio. Lá produziam vinho, regando as vinhas com água do rio naquela terra seca, e um pouco *disso* não era ruim. Artigos shemitas mais do que excelentes também podiam ser encontrados lá. Levar vinho para *este* posto avançado esquecido pelos deuses, no entanto, significava semanas em barcos fluviais e depois semanas em camelos, de oásis em oásis pelo deserto, e, então, mais de um mês em carroças de bois por estradas ruins que levavam ao sudeste através da savana cada vez mais verde em direção às marchas da fronteira de Darfar.

Também era um vinho ruim e *caro*. Todo aquele transporte custava prata, assim como os guardas necessários... e os mercadores precisavam contratar alguém em quem pudessem confiar para não beber muito da carga, o que também significava salários mais altos.

A Stygia era um império vasto e diversificado, com muitas terras e povos. Conan tinha quase decidido que, no que lhe dizia respeito, os adoradores de serpentes eram bem-vindos em cada centímetro do lugar superaquecido e amaldiçoado pelo Sol. Nessa região, nem esfriava à *noite*, como nos desertos. Os insetos eram ruins no vale do Styx, mas, aqui, ao sul do deserto, eram inacreditáveis; alguns dos escorpiões eram tão grandes quanto o pé dele, e a picada de suas caudas levava a uma morte lenta e dolorosa.

Eles também destilavam uma bebida âmbar a partir do sorgo de sua terra, que tinha o mesmo efeito na cabeça que um machado de guerra dos vanires, ou pelo menos uma machadinha de pedra lascada de um invasor picto. Com um aceno, Conan pediu um pequeno copo de barro da bebida. O taberneiro o trouxe pessoalmente, gatos se espalhando em seu caminho. Era um homem moreno de meia-idade, atarracado, que vestia um saiote simples de linho e tinha a cabeça raspada.

— Nossa conta — disse, mantendo seu dialeto stygio simples para forasteiros. — Jantar também. Você evitou uma luta muito ruim, evitou destruir o lugar.

Exceto pelo sangue que encharcava o chão de terra, a sujeira escondia uma multidão de pecados.

— Eu lhe agradeço — disse Conan, decidindo arriscar o porco assado. Comer as rações de Zarallo no quartel, antes de desenrolar o catre na cama de terra, significaria feijão, mingau e carne seca e talvez mais uma cebola. Fazia parte do salário, o que significava que poderia economizar para fugir daqui.

E ele contribuiu com um pouco da carne, caçando em missões de reconhecimento e montando estruturas para secá-la em tiras a fim de que outros pudessem transportá-la a granel de volta para a cidade. A caça aqui era excelente, animais comuns, meio familiares, e outros estranhos fervilhando em números surpreendentes, um esporte melhor do que qualquer coisa que ele já tivesse visto antes.

O que era praticamente a única compensação por ter sido esmagado pelas costas do Império Stygio.

Conan passava tanto tempo caçando quanto Zarallo permitia, argumentando que isso reduzia as contas de abastecimento do chefe mercenário, mantinha suas habilidades afiadas e permitia que conhecesse os meandros do deserto. Ele poderia vender as peles e chifres, mas, sendo mais comum, as peles eram vendidas por menos do que um cobertor de tecido por aqui. Havia mercado para o marfim, é claro, mas caçar elefantes exigia habilidades especiais e companheiros de confiança.

Assim, mesmo a caça perdeu a importância depois de um tempo.

*Somos combatentes, mas não lutamos há só Crom sabe quanto tempo, refletiu ele enquanto bebia a cerveja miserável. Em breve, o musgo que pende das árvores vai começar a brotar em mim.*

Quando o taberneiro se virou para ir embora, Conan fez sinal para que ele esperasse. Em seguida empurrou a espada do zamoriano sobre a mesa.

— Você compra? — perguntou. — Seis moedas de pratas.

— Três — disse o taberneiro rapidamente, então examinou a arma e o equipamento.

— Cinco — rebateu Conan. — Fique com ela, dela eu tiro o que comer e o que beber. — Isso seria consideravelmente mais seguro do que mantê-la sob seu catre e daria menos problemas do que o tesouro dos Companheiros Livres.

— Quatro de prata e doze de cobre.

— Feito — disse Conan, e eles bateram as palmas das mãos sobre ela. — Pode trazer carne de porco e pão?



A comida chegou pelas mãos de uma das filhas do taberneiro. Como a maioria das mulheres stygias, ela usava menos trajes do que os homens — apenas uma tanga. Ao contrário da maioria, tinha seios fartos e ancas as de como um cavalo de tração, provavelmente uma meretice. Todas essas partes balançavam de maneira interessante enquanto ela se inclinava para servir os pratos. Então ela se afastou, olhando por cima do ombro; talvez a exibição de velocidade e força a tivesse impressionado.

Ou possivelmente a súbita ascensão das moedas de prata.

Uma voz cortou as reflexões de Conan, fazendo-o mover a cabeça levemente, mas com rapidez, inclinar-se sobre o banquinho, as sandálias embaixo dele, e apoiar o peso do corpo na ponta dos pés. De repente, estava perfeitamente ciente de cada contorno obscuro na grande sala enfumaçada com paredes de argila e chão de terra.

— Mantenha suas patas longe do meu traseiro, porco stygio — disse a voz — ou vou limpá-lo com seus dedos e enfiar o polegar da sua mão que usa a espada na sua bunda com a ponta da minha bota.